

DINÂMICAS DO DESENVOLVIMENTO EM ÁFRICA

COMPETÊNCIAS, EMPREGO E PRODUTIVIDADE

VISÃO GERAL



2024

Prefácio

O relatório anual *Dinâmicas de Desenvolvimento de África* apresenta anualmente os mais recentes dados sobre as políticas económicas no continente africano. Este relatório resulta de uma parceria de longa data entre o Departamento de Desenvolvimento Económico, Comércio, Turismo, Indústria e Minerais da Comissão da União Africana e o Centro de Desenvolvimento da OCDE. Reúne uma equipa de investigadores académicos, economistas, estatísticos e outros especialistas de países africanos e parceiros.

A edição de 2024 explora a forma como os *stakeholders* africanos podem aumentar a oferta de competências de qualidade no continente, de acordo com a procura atual e futura, para apoiar a criação de emprego e o crescimento da produtividade, em linha com a visão e aspirações da Agenda 2063. O primeiro capítulo aborda a forma como a oferta de competências responde atualmente à procura. Identifica também as opções para desenvolvimento de novas competências a pedido, em resposta às transições digital e ecológica. O segundo capítulo propõe políticas prioritárias para colmatar lacunas a nível de competências fundamentais, interpessoais e técnicas, com base em lições de todo o continente e não só. Os capítulos seguintes centram-se nas cinco regiões africanas definidas pelo Tratado de Abuja: África Austral, Central, Oriental, do Norte e Ocidental. Estes capítulos apresentam recomendações políticas adaptadas para desenvolver competências em setores estratégicos para cada região, incluindo o setor mineiro, as tecnologias digitais, as energias renováveis e o setor agroalimentar

Esta edição baseia-se numa ampla gama de dados e inclui uma coleção de dados primários. A data de fecho dos dados utilizados no relatório foi 21 de março de 2024, exceto para o anexo estatístico, que é atualizado online de forma contínua.

Para o segundo capítulo, foram analisados 20 relatórios para avaliar a implementação de projetos de ensino e formação técnicos e profissionais (EFTP) em África. Este exercício procurou explicar os fatores que facilitam ou dificultam o desempenho dos projetos de EFTP. Os relatórios de avaliação basearam-se em 225 relatórios de avaliação de EFTP de 2 fontes públicas: o repositório online da Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ) e o Centro de Recursos de Avaliação (DEReC) do Comité de Ajuda ao Desenvolvimento (CAD) da OCDE. O primeiro reúne relatórios de projetos liderados pela Agência Alemã de Cooperação; o segundo recolhe relatórios de avaliação das agências de desenvolvimento dos 32 membros do CAD, incluindo a Alemanha, e de parceiros como o Banco Africano de Desenvolvimento. Além disso, os autores realizaram 3 entrevistas semiestruturadas com profissionais de EFTP em organizações internacionais sediadas em África para avaliar os fatores de sucesso e as barreiras à implementação de projetos de EFTP. As entrevistas decorreram de outubro a dezembro de 2023.

O capítulo sobre o Norte de África apresenta uma visão global dos resultados de um inquérito qualitativo realizado em janeiro de 2024 no setor das energias renováveis. Com base em entrevistas semiestruturadas, o inquérito colocou questões sobre as competências no domínio do setor das energias renováveis. O estudo incluiu 18 participantes que estavam envolvidos em atividades de energias renováveis ou utilizavam essas fontes de energia. Os participantes provinham de diferentes países do Norte de África e representavam o setor público, associações empresariais, empresas privadas e universidades.

O anexo estatístico contém os últimos indicadores económicos, sociais e institucionais dos países africanos para os quais existem dados comparáveis. Um conjunto de tabelas de dados é apresentada nas últimas páginas do relatório. Os dados são apresentados por país, região, comunidade económica regional e agrupamentos de países relevantes (por exemplo, dotação de recursos, níveis de rendimento, desenvolvimento socioeconómico

e fragilidade, acesso aos oceanos e língua). O anexo apresenta comparações entre África e diferentes regiões do mundo, bem como outros parâmetros de referência relevantes. Esses dados visam informar os decisores, consultores, analistas de empresas, investidores privados, jornalistas, organizações não-governamentais e cidadãos de todo o mundo que estejam interessados nas trajetórias de desenvolvimento dos países africanos.

O relatório completo é publicado em inglês, francês e português. Os gráficos e tabelas adicionais juntamente com o anexo estatístico estão disponíveis nas páginas web ou nos sites da União Africana e do Centro de Desenvolvimento da OCDE.

Agradecimentos

O relatório económico de referência *Dinâmicas de desenvolvimento de África 2024: Competências, emprego e produtividade* (AfDD 2024) foi preparado em conjunto pela Comissão da União Africana (CUA) e pelo Centro de Desenvolvimento da OCDE. É publicado sob a égide de S.E. Moussa Faki Mahamat, Presidente da Comissão da UA, e de Mathias Cormann, Secretário-Geral da OCDE. A sua redação foi orientada por Albert M. Muchanga, Comissário responsável pelo Desenvolvimento Económico, Comércio, Turismo, Indústria e Mineração da União Africana, e por Ragnheiður Elín Árnadóttir, Diretora do Centro de Desenvolvimento da OCDE. O relatório foi supervisionado por Djamel Ghrib, Diretor do Departamento de Desenvolvimento Económico, Comércio, Turismo, Indústria e Mineração, e por Patrick Ndzana Olomo, Diretor Executivo da Divisão de Desenvolvimento Sustentável e Política Económica, Departamento de Desenvolvimento Económico, Comércio, Turismo, Indústria e Mineração, em conjunto com Federico Bonaglia, Diretor Adjunto do Centro de Desenvolvimento da OCDE, e Arthur Minsat, Chefe da Unidade de África do Centro de Desenvolvimento da OCDE e economista principal.

A equipa de redação da Comissão da União Africana foi composta por Patrick Ndzana Olomo, Diretor Executivo da Divisão de Desenvolvimento Sustentável e Política Económica, Rumbidzai Treddah Manhando, Economista, Luckystar Miyandazi, Conselheiro para a Mobilização das Receitas Fiscais e Domésticas, e Ronnel Inonge Sisamu, Consultora Jurídica (Departamento de Desenvolvimento Económico, Comércio, Turismo, Indústria e Mineração). Os especialistas regionais que contribuíram para o relatório incluem Jude Eggoh (Universidade de Abomey-Calavi), Kevin Ibeh (Universidade de Birkbeck, Universidade de Londres), Nabil Jedlane (ENCG Tânger), Nicholas Ngepah (Universidade de Joanesburgo) e Bruno Emmanuel Ongo Nkoa (Université de Yaoundé II). A equipa do Centro de Desenvolvimento da OCDE, liderada por Arthur Minsat, Chefe da Unidade África, com Nicolas Friederici, incluiu Keiko Álvarez, Mélanie Brin, Andrea Cinque, Ginevra Coda Nunziante, Majda Eddaifi, Ismaël Keita, Sébastien Markley, Agnès Moukarzel, Francesco Napolitano, Elisa Saint Martin, Clémentine Tahir, Maha Temre e Bakary Traoré. Anne-Marie Trang (OCDE) e Mandy Mauyakufa (CUA) prestaram um apoio valioso à investigação, produção, logística e trabalho administrativo associados ao relatório.

Os contributos e dados foram fornecidos pelo Departamento de Educação, Ciência, Tecnologia e Inovação da União Africana, pelo Centro de Competências da OCDE, pelo Centro de Desenvolvimento da OCDE, pela Direção de Cooperação para o Desenvolvimento da OCDE, pela Direção de Educação e Competências da OCDE, pela Direção de Emprego, Trabalho e Assuntos Sociais da OCDE e pela Agência Internacional de Energia. Agradecem-se os contributos substanciais de Filipa Sousa (Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I.P.); Abdelghni Lakhdar (Casablanca Finance City [CFC]); Nora-Marie Hüser e Sabine Klaus (Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit [GIZ]); Khalil Bahloul (IIEP-UNESCO Dakar); Alice Vozza (OIT); Sako Ikewada, Motohiro Matsumura e Shuhei Ueno (JICA), e Gonçalo Silva Marques (Delegação Permanente de Portugal junto da OCDE).

Os capítulos beneficiaram dos comentários e contributos dos seguintes especialistas: Barassou Diawara (African Capacity Building Foundation [ACBF]); Rob Floyd e Mona Iddrisu (African Center for Economic Transformation [ACET]); Jerry Ahadjie e Salimata Soumaré (Banco Africano de Desenvolvimento [BAD]); Salimata Doumbia (Comissão da União Africana [CUA]); Aggrey Ambali, Unami Dube, Simon Kisira, Pamla Gopaul, Symerre Grey-Johnson, Unami Mpofo, Lukovi Seke e Msingathi Sipuka (Agência de Desenvolvimento da União Africana [AUDA-NEPAD]); Daniela Langen, Karen Pfundt e outros peritos (Bundesministerium für wirtschaftliche Zusammenarbeit und Entwicklung [BMZ]);

Paula Machado e Carolina Ormonde (Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I.P.); Robert Zougmore (Consultative Group for International Agricultural Research [CGIAR]); Natasha Karanja (CIPIT, Universidade de Strathmore); Geoffroy Gantoli, Simon Hochstein, Annika Hornberger, Kieu Ly Doan, Lisa Roob e Kirsten Schuettler (Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit [GIZ]); Colin Bermingham e Carmelo Cocuzza (BEI); Claire Hunault, Anna Hakami, Simona Montanari, Riccardo Roba e Domenico Rosa (Comissão Europeia); Alexander Stöcker e Tina Zintl (Instituto Alemão de Desenvolvimento e Sustentabilidade [IDOS]); Ibrahima Diallo (IIEP-UNESCO Dakar); Isabelle Ramdoo e Ege Tekinbas (Instituto Internacional para o Desenvolvimento Sustentável [IISD]); Jeff Bridgford e Christine Hofmann (OIT); Nadim Abillama, Mariya Aleksynska, Caleigh Andrews, Francesca Borgonovi, Eleanor Carey, Rodrigo Castaneda Valle, Helena Cravinho, Pierre de Boissésou, Jason Gagnon, Philipp Heinrigs, Megan Grace Kennedy-Chouane, Alexandre Kolev, Fabio Manca, Vasiliki Mavroeidi, Ida McDonnell, Bathylle Missika, El Iza Mohamedou, Hyeshin Park, Lorenzo Pavone, Annalisa Primi, Jan Rielaender, Ji-Yeun Rim, Setsuko Saya, Julie Seghers, Henri-Bernard Solignac-Lecomte, Pablo Suárez Robles, Sophie Vayssettes, Ayumi Yuasa, Ada Zakrzewska, Koffi Zougbedé e Sibiri Jean Zoundi (OCDE); Thang Nguyen-Quoc (Oxford Economics Asia); Francisco Gonçalo Nunes André e Celina Pereira (Delegação Permanente de Portugal junto da OCDE); Mohamed Sherwali (Centro Regional para Energias Renováveis e Eficiência Energética [RCREEE]); Ahmed Baroudi (Société d'Ingénierie Energétique); Elizabeth Sidiropoulos (Instituto Sul-Africano de Assuntos Internacionais [SAIIA]); Giovanni Valensisi (UNCTAD); Rodrigo Deiana (UN DESA); Wafa Aidi, Marcellin Stephane Bella Ngadena, Zoubir Benhamouche, Amal Elbeshbishi, Sonia Essobmadje, Andrew Mold e Rodgers Mukwaya (UNECA); Mattia Olivari (UNESCO); Elvis Melia (Universidade de Duisburg-Essen); Clémence Pougue Biyong (Banco Mundial); Stephanie Allais (Universidade de Wits); Rodrigue Kaki (Banco Mundial); Kaylash Allgoo (Consultor independente). A reunião de revisão por pares foi também assistida por Mkhululi Nkosilamandla Ncube (Centro Africano de Desenvolvimento de Minerais [AMDC]); Christiane Haziyo (EUDEL Zâmbia); Pauline Gibourdel e Nathalie Larsen (Comissão Europeia); Milagros Lazo Castro e Camila Meireles (OIT); Vittoria Barbagallo, Ania Thiemann (OCDE); e Sezai Ata (Presidência de Estratégia e Orçamento, República da Turquia).

O relatório beneficiou das consultas externas realizadas em 2023 e 2024: a reunião de lançamento (outubro de 2023); as reuniões sobre o AfDD 2024 na Casa África em Las Palmas de Gran Canaria e na Confederação Espanhola de Organizações Empresariais (CEOE) em Madrid (novembro de 2023); a Semana da Inovação do Quênia, edição da Commonwealth (novembro-dezembro de 2023); a reunião sobre o AfDD 2024 no Instituto Camões, Lisboa (dezembro de 2024); a reunião de revisão pelos pares do AfDD 2024 (janeiro-fevereiro de 2024); reuniões bilaterais na Reunião do Conselho Ministerial da OCDE 2024 (maio de 2024). O relatório também beneficiou de consultas externas incluindo: “2024 Ano do Mercado de Conhecimento da Educação” da AUDA-NEPAD realizada na Sede da União Africana à margem da 37ª Cimeira da UA sob o tema do ano “Educar uma África apta para o século XXI: Construir Sistemas Educativos Resilientes para Aumentar o Acesso a uma Aprendizagem Inclusiva, ao Longo da Vida, de Qualidade e Relevante em África” (fevereiro de 2024), Pitch World Fast, “Fortalecimento de Competências Profissionais e Vocacionais em África para Promover o Desenvolvimento Económico (maio de 2024)”.

O envolvimento da equipa de edição, tradução e revisão foi crucial para a produção atempada do relatório. O relatório foi editado por Sophie Alibert (para os capítulos redigidos em francês) e Jill Gaston (para os capítulos redigidos em inglês) e traduzido por Marika Boiron, pelos Serviços de Tradução da OCDE e por Vera Pinto. Delphine Grandrieux e Elizabeth Nash supervisionaram a produção, e a Luminess foi responsável pela paginação. Aida Buendía criou o design gráfico e a capa, e Irit Perry desenvolveu as infografias.

A CUA e o Centro de Desenvolvimento da OCDE agradecem aos Estados-Membros da União Africana, à Comissão Europeia (DG INTPA), à Alemanha (BMZ/GIZ), à Itália (Ministério dos Negócios Estrangeiros e Cooperação Internacional) e a Portugal (Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I.P., e o Ministério dos Negócios Estrangeiros) pelo seu apoio e valiosos comentários nesta sexta edição anual do *Dinâmica de Desenvolvimento em África*.

Editorial

Em 2024, prevê-se que África atinja um crescimento médio do PIB de 3,5% com cinco das dez economias de crescimento mais rápido do mundo. A taxa de crescimento de África será bastante superior ao crescimento global projetado de 3,1% e as perspectivas para 2025 ultrapassam os 4,0% face ao crescimento global projectado de 3.2%. As perspectivas de crescimento podem ser ainda mais impulsionadas pelo dividendo demográfico do crescimento da população em idade ativa do continente que deverá duplicar até 2050 e representar 86% do aumento global total. À medida que a população africana em crescimento vai adquirindo melhores níveis educacionais, os países africanos vão a desenvolvendo reservas de talento sem humano precedentes. A União Africana está empenhada em aumentar as perspectivas educativas e profissionais da força de trabalho jovem de África, com o desenvolvimento de competências presente no centro da sua Agenda 2063, e a educação como tema da União Africana para 2024.

Melhorar o acesso e a qualidade do desenvolvimento de competências que correspondem às oportunidades de emprego será fundamental para impulsionar a transformação produtiva das economias africanas. Em 2022, mais de um em cada quatro jovens africanos não trabalhava, não estudava, nem frequentava qualquer formação (NEET). O PIB de África poderia aumentar em cerca de 154 biliões de dólares antes do final do século – mais de 22 vezes, um aumento maior do que em qualquer outra região do mundo – se todas as crianças africanas atingissem níveis de competências fundamentais. Em 2021, a despesa pública com educação foi, em média, de 3,7% do PIB e representou 14,5% da despesa pública total, ambos ligeiramente abaixo dos valores de referência internacionais de, pelo menos, 4% e 15%, respetivamente. A definição de prioridades pode ajudar os governos africanos a obter melhores resultados com orçamentos limitados. Neste aspeto a colaboração com o setor privado é fundamental para colmatar a falta de competências, para resolver os problemas do desemprego, da pobreza e da desigualdade.

A resolução do problema da informalidade do emprego através do desenvolvimento de competências e de oportunidades de emprego digno melhorará a produtividade, o acesso à proteção social, a segurança do emprego e as condições de trabalho. Em geral, África tem uma percentagem de emprego informal mais elevada do que qualquer outra região do mundo. Estima-se que 82% de todos os trabalhadores em África exercem profissões informais, em comparação com 56% na América Latina e nas Caraíbas, e 73% na Ásia em desenvolvimento. Políticas específicas ajudariam os trabalhadores informais a ultrapassar as barreiras ao desenvolvimento de competências, como os elevados custos de oportunidade, os recursos limitados, a falta de pré-requisitos e a maior vulnerabilidade aos choques. Este objetivo deve incluir uma atenção especial às mulheres, uma vez que a proporção de mulheres com emprego informal e sem educação formal era 14 pontos percentuais mais elevada do que a proporção correspondente entre os homens.

O relatório *Dinâmicas de Desenvolvimento em África 2024* avalia a escassez e as lacunas de competências, incluindo a evolução da procura das mesmas nos países africanos, à luz das especificidades dos mercados de trabalho africanos. Propõe estratégias de competências que combinam educação e formação inclusivas com excelência nas competências técnicas necessárias nos setores mais produtivos da economia. Sugerimos três prioridades:

- Elaborar estratégias específicas por país para identificar e responder às necessidades concretas de competências em setores dinâmicos e produtivos.

- Melhorar o acesso a uma educação de qualidade, ao desenvolvimento de competências e ao ensino e formação técnicos e profissionais, especialmente para os trabalhadores informais, as mulheres e as populações das zonas rurais.
- Reforçar a integração regional das políticas de desenvolvimento de competências, a fim de tornar mais eficientes a alocação das mesmas e os fluxos de mão de obra.

A parceria entre a Comissão da União Africana e a OCDE, nomeadamente através do Centro de Desenvolvimento da OCDE, continua a crescer e a aprofundar-se. Em outubro de 2023, renovámos o nosso Memorando de Entendimento, estabelecendo um plano de ação concreto: uma abordagem prática para gerar novos dados em conjunto e expandir um diálogo direto entre os decisores. É nesse quadro, tendo em conta o mandato confiado pelos órgãos políticos da União Africana, que iniciámos a operacionalização da Plataforma de Investimento Virtual Africana. Esta iniciativa irá apoiar o investimento no continente em apoio à implementação da visão e das aspirações da Agenda 2063 para uma África integrada, pacífica e próspera. Esta sexta edição do nosso relatório emblemático é uma parte fundamental do nosso trabalho conjunto para informar o diálogo e a colaboração internacionais em conformidade com a Agenda 2063.



Moussa Faki Mahamat
Presidente
Comissão da União Africana



Mathias Cormann
Secretário-Geral
Organização para a Cooperação e
Desenvolvimento Económico

Abreviaturas e acrónimos

AAP	Alliance for African Partnership (Aliança para a Parceria Africana)
ACET	African Center for Economic Transformation (Centro Africano para a Transformação Económica)
ACQF	African Continental Qualifications Framework (Quadro Continental Africano de Qualificações)
ADEA	Associação para o Desenvolvimento da Educação em África
AFD	Agência Francesa de Desenvolvimento
AfDB	Banco Africano de Desenvolvimento
AfDD	Dinâmicas de desenvolvimento em África
AI	Inteligência Artificial
AMLA	African Mining Legislation Atlas (Atlas da Legislação Africana em Matéria de Mineração)
ASM	Artisanal and small-scale mining (Exploração mineira artesanal e de pequena escala)
ATAF	African Tax Administration Forum (Fórum Africano da Administração Fiscal)
AU	União Africana
AUC	Comissão da União Africana
AUDA-NEPAD	Agência de Desenvolvimento da União Africana – Nova Parceria Económica para o Desenvolvimento de África
AUF	Agência Universitária da Francofonia (Agência Universitária da Francofonia)
BEAR	Better Education for Africa’s Rise (Melhor educação para a ascensão de África)
BMGF	Fundação Bill e Melinda Gates
BMZ	Bundesministerium für wirtschaftliche Zusammenarbeit und Entwicklung (Ministério Federal da Cooperação Económica e do desenvolvimento da Alemanha)
CEDEFOP	Centro Europeu para o Desenvolvimento da Formação Profissional
CNUCED	Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento
COMESA	Mercado Comum da África Oriental e Austral
COMILOG	Compagnie minière de l’Ogooué (Empresa mineira de Ogooué)
DHS	Demographic and Health Surveys (Inquéritos Demográficos e de Saúde)
EAC	Comunidade da África Oriental
EASTRIP	East Africa Skills for Transformation and Regional Integration Project (Projeto “Competências para a transformação e a integração regional na África Oriental)
EC	Comissão Europeia
ECA	Comissão Económica para a África
ECOWAS	Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental
EFTP	Ensino e formação técnica e profissional
EITI	Extractive Industries Transparency Initiative (Iniciativa para a Transparência das Indústrias Extrativas)
EU	União Europeia
ERCE	Regional Comparative and Explanatory Study (Estudo comparativo e explicativo regional)

ESG	Environmental, social and governance (Governança Ambiental, Social e Corporativa)
FAO	Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura
FER	Fontes de energias renováveis
FMI	Fundo Monetário Internacional
FONEA	Fundo Nacional de Apoio à Empregabilidade e à Aprendizagem
GCA	Global Center on Adaptation (Centro Global de Adaptação)
GEEAP	Global Education Evidence Advisory Panel (Painel Consultivo sobre Provas de Educação Mundial)
GEF	Global Environment Facility (Fundo Mundial para o Ambiente)
GIS	Geographic information system (Sistema de informação geográfica)
GIZ	Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (Agência Alemã para a Cooperação Internacional)
ICAO	Organização da Aviação Civil Internacional
ICEE	International Conference on Environmental Education (Conferência Internacional sobre Educação Ambiental)
IDE	Investimento direto estrangeiro
IDRC	International Development Research Centre (Centro Internacional de Investigação para o Desenvolvimento)
IEA	Agência Internacional da Energia
IFC	Corporação Financeira Internacional
IGF	Intergovernmental Forum on Mining, Minerals, Metals and Sustainable Development (Fórum Intergovernamental sobre Minas, Minerais, Metais e Desenvolvimento Sustentável)
IISD	Instituto Internacional para o Desenvolvimento Sustentável (Instituto Internacional para o Desenvolvimento Sustentável)
IPIS	International Peace and Information Service (Serviço Internacional de Informação e Paz)
IRENA	Agência Internacional para as Energias Renováveis
ISCO	International Standard Classification of Occupations (Classificação Internacional Tipo das Profissões)
ITC	International Trade Center (Centro de Comércio Internacional)
JICA	Japan International Cooperation Agency (Agência de Cooperação Internacional do Japão)
JKUAT	Jomo Kenyatta University of Agriculture and Technology (Universidade de Agricultura e Tecnologia Jomo Kenyatta)
KfW	Kreditanstalt für Wiederaufbau (Instituto de Crédito para a Reconstrução alemã)
LAC	América Latina e Caraíbas
LAYS	Learning-adjusted years (Anos ajustados à aprendizagem)
LLECE	Laboratório Latino-Americano de Avaliação da Qualidade da Educação
LMIS	Logistics management information systems (Sistemas de Informação de Gestão Logística)
MOOC	Massive open online course (Curso online aberto e massivo)
MQA	Mining qualifications authority (Autoridade para as qualificações mineiras)
NVTC	Nakawa Vocational Training College (Escola de Formação Profissional de Nakawa)
OACPS	Organização dos Estados de África, das Caraíbas e do Pacífico

OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMC	Organização Mundial do Comércio
OMS	Organização Mundial da Saúde
O*NET	Occupational Information Network (Rede de Informação Profissional)
ONU	Organização das Nações Unidas
PALOP	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
PAM	Programa Alimentar Mundial
PASEC	Programa de Análise dos Sistemas Educativos da CONFEMEN
PIB	Produto Interno Bruto
PIRLS	Progress in International Reading Literacy Study (Estudo Internacional sobre os Progressos na Literacia em Leitura)
PISA	Programme for International Student Assessment (Programa de Avaliação Internacional de Estudantes)
PME	Pequenas e médias empresas
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PNUMA	Programa das Nações Unidas para o Ambiente
PPP	Purchasing power parity (Paridade do poder de compra)
PSF	Private Sector Federation (Federação do Setor Privado)
RAFIC	Regional Flagship ICT Centre (Centro Regional de TIC de referência)
RPL	Reconhecimento da aprendizagem prévia
SACMEQ	The Southern and Eastern Africa Consortium for Monitoring Education Quality (Consórcio da África Austral e Oriental para a Monitorização da Qualidade do Ensino)
SADC	Southern African Development Community (Comunidade de Desenvolvimento da África Austral)
SAP	Sistemas, Aplicações e Produtos no Processamento de Dados
SIFA	Skills Initiative for Africa (Iniciativa de Competências para África)
SMP	Skill mobility partnership (Parceria para mobilidade de competências)
SQL	Structured Query Language (Linguagem de consulta estruturada)
STEM	Science, technology, engineering and mathematics (Ciências, tecnologia, engenharia e matemática)
SWP	Sustainable Water Partnership (Parceria para a Água Sustentável)
TaRL	Teaching at the Right Level (Ensinando no Nível Certo)
TIC	Tecnologia da informação e da comunicação
TIMSS	Trends in International Mathematics and Science Study (Tendências no estudo internacional da matemática e das ciências)
UEMOA	União Económica e Monetária da África Ocidental
UIS	UNESCO Institute for Statistics (Instituto de Estatística da UNESCO)
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNIDO	Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial
UNU-WIDER	Instituto Mundial de Investigação Económica para o Desenvolvimento da Universidade das Nações Unidas
USAID	United States Agency for International Development (Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional)
VE	Veículos elétricos
WEF	World Economic Forum (Fórum Económico Mundial)

- ZCLCA** Zona de Comércio Livre Continental Africana
ZMDC Zimbabwe Mining Development Corporation
(Corporação de Desenvolvimento Mineiro do Zimbabué)

Sumário executivo

África pode melhorar a produtividade e a qualidade do seu crescimento económico investindo num ciclo virtuoso de melhores competências para melhores empregos. Os mercados de trabalho devem aumentar rapidamente a oferta e a procura de trabalhadores qualificados. Do lado da oferta, embora os níveis de educação tenham progredido, a qualidade no ensino deverrecuperar o atraso em relação a outras regiões em desenvolvimento. Nas últimas duas décadas, as taxas de conclusão do ensino primário aumentaram de cerca de 55% para 75%. No entanto, as crianças em África beneficiam de apenas 5,1 anos de escolaridade ajustado à aprendizagem, em comparação com 7,2 na Ásia em desenvolvimento e 7,8 na América Latina e Caraíbas. Do lado da procura, os mercados de trabalho devem criar empregos de qualidade para trabalhadores qualificados. Mais de 80% dos jovens africanos que frequentam a escola aspiram a trabalhar em profissões altamente qualificadas, mas apenas 8% encontram esses empregos. A procura de trabalhadores qualificados continua a ser baixa porque o crescimento do emprego tem se limitado a setores de baixa produtividade como a agricultura, o comércio retalhista e os serviços. Cerca de 82% dos trabalhadores africanos são informais, em comparação com 56% na América Latina e Caraíbas e 73% na Ásia em desenvolvimento. Além disso, os trabalhadores altamente qualificados tendem a migrar para fora do continente: entre os indivíduos com formação superior nascidos na África, 17% residiam no estrangeiro em 2020, dos quais 72% escolheram países de rendimento elevado.

A população africana mais qualificada e em crescimento, está a mudar a força de trabalho mundial. A população em idade ativa de continente (ou seja, entre os 15 e 64 anos) quase duplicará nos próximos 26 anos, passando de 849 milhões em 2024 para 1 556 milhões em 2050. Este crescimento representará 85% do aumento da população global em idade ativa. O número de jovens africanos a concluir o ensino secundário superior ou terciário mais do que duplicará entre 2020 e 2040, passando de 103 milhões para 240 milhões.

Os retornos socioeconómicos de uma melhor educação são mais elevados em África do que noutras regiões do mundo. Cada ano adicional de educação poderá aumentar os rendimentos dos alunos africanos entre 8,2%-11,4%, em comparação com 7,6% e 9,1% para os países da América Latina e Caraíbas. Na indústria de transformação, dados de 27 países africanos mostram que um aumento de 10 pontos percentuais no número de trabalhadores com ensino secundário e superior aumenta a produtividade média das empresas (vendas por trabalhador) de 4,2% e 4,8%, respetivamente. Se todas as crianças africanas adquirissem competências fundamentais de literacia e numeracia, o produto interno bruto poderia aumentar mais de 22 vezes, ou seja, cerca de 154 biliões de dólares (mais do que qualquer outro continente).

Os mercados de trabalho africanos estão a adaptar-se às novas tendências, o que está a redefinir a procura e a oferta de competências. À medida que a digitalização do continente avança, o número de empregos que requerem competências digitais está a aumentar. Até 2030, 70% destes empregos exigirão competências digitais básicas e 23% competências digitais intermédias, especialmente no setor dos serviços.

O desenvolvimento das energias renováveis e das infraestruturas sustentáveis pode gerar mais de 9 milhões de novos postos de trabalho até 2030 e mais 3 milhões de novos empregos até 2050. Muitas das carências de competências no setor das energias renováveis estão nas funções vocacionais. Medidas de adaptação às alterações climáticas, incluindo uma melhor literacia climática e a agricultura inteligente em termos de clima, aumentarão a produtividade e proporcionarão novas oportunidades de emprego.

Os países africanos beneficiariam de políticas de desenvolvimento de competências que equilibrassem múltiplos compromissos, nomeadamente entre a elevada produtividade, o potencial de emprego e a inclusão. As políticas devem ter em conta as vantagens comparativas, as capacidades e os recursos financeiros de cada país. O relatório *Dinâmicas de Desenvolvimento em África 2024* propõe cinco opções políticas para colmatar as lacunas de competências em África:

1. **Para serem eficazes, as estratégias de competências devem basear-se numa análise detalhada de dados relativos a cada contexto nacional.** Os países enfrentam situações diferentes: As economias africanas que se estão a diversificar (por exemplo, Egito, Essuatíni, Maurícia, Senegal e Tunísia) dependem de profissões que requerem mais competências fundamentais e interpessoais, bem como mais competências em ciências, tecnologia, engenharia e matemática (STEM) do que os países agrários (por exemplo, Burundi, República Democrática do Congo, Moçambique, Tanzânia e Uganda) que dependem do emprego agrícola. Apenas a Argélia, Maurícias, Marrocos e Tunísia apresentam taxas de graduação em STEM superiores a 20%, associadas a um elevado número de inscrições no ensino superior. Para alinhar a oferta de competências com a procura futura, as estratégias nacionais podem utilizar dados detalhados e o *big data* (como portais de emprego) para identificar lacunas de competências em setores específicos. Melhorar os sistemas de informação do mercado de trabalho, aumentar a frequência dos inquéritos e colaborar mais estreitamente com o setor privado são formas de avaliar melhor a oferta e a procura de competências.
2. **Os países africanos podem aumentar o investimento em educação e melhorar a sua eficiência através de intervenções eficazes em termos de custos e de avaliações da aprendizagem.** As intervenções mais eficazes incluem uma pedagogia estruturada e ensino orientado por nível de aprendizagem. As avaliações de aprendizagem comparáveis a nível nacional, regional (por exemplo, PASEC, SACMEQ) e internacional (por exemplo, PISA, TIMSS e PIRLS) podem servir para monitorizar os resultados educativos e os impactos das políticas, fornecendo evidências para formulação de políticas.
3. **A formação e o reconhecimento de competências podem melhorar a produtividade dos trabalhadores informais e das mulheres.** A formação em empreendedorismo, gestão e competências interpessoais está generalizada. Os formatos de formação variam em termos de eficácia e devem ser escolhidos com cuidado para aumentar a produtividade e a inclusão. O reconhecimento da aprendizagem prévia (RPL) valida os conhecimentos que os trabalhadores informais adquiriram sem formação formal e pode ajudá-los a encontrar empregos mais produtivos. Cabo Verde, Gana, Nigéria, Tanzânia, Togo e Tunísia, entre outros, desenvolveram programas deste tipo, entre outros.
4. **As instituições de ensino e formação técnica e profissional (EFTP) podem adaptar melhor as suas ofertas de formação às necessidades emergentes de competências em África.** As instituições de EFTP podem tornar-se mais atrativas para os estudantes e os empregadores, através da conceção de currículos mais relevantes, incluindo em matéria de competências digitais, e do desenvolvimento de ligações mais fortes com o setor privado. Apenas 30% dos formadores de EFTP inquiridos em África têm experiência recente em empresas relacionadas com os setores que ensinam. As boas práticas podem ser seguidas, incluindo os dez Institutos de Gestão Delegada de Marrocos localizados dentro de zonas económicas especiais que oferecem cursos de formação personalizados. O financiamento nacional para a formação profissional pode ser mais responsável e depender menos de EFTP dos parceiros de desenvolvimento.

5. **Quadros regionais e parcerias internacionais mais amplas podem acelerar o desenvolvimento de competências.** A harmonização de políticas entre os países pode permitir a mobilidade de competências, o comércio livre e a livre circulação de pessoas através das fronteiras, criando benefícios a partir da sua interação. O Projeto de Competências para a Transformação e Integração Regional da África Oriental (EASTRIP) introduz uma abordagem regional para competências especializadas em EFTP. Em toda a África, os Centros de Excelência regionais da AUDA-NEPAD ajudam a antecipar as necessidades setoriais. As parcerias internacionais e os intercâmbios universitários, como o programas ERASMUS+, são cruciais para o desenvolvimento e retenção de competências.

Recomendações políticas para melhorar as competências, o emprego e a produtividade regiões africanas

Região	Estudo de caso	Recomendações políticas
África Austral	Mineração	<ul style="list-style-type: none"> • Monitorizar o desenvolvimento de competências através das políticas mineiras nacionais, alinhando-as com as normas. • Incorporar no ensino e na formação no setor mineiro os conjuntos de competências técnicas e complementares específicas de cada país. • Orientar os programas de ensino e formação diretamente para as mulheres e os mineiros artesanais e de pequena escala.
África Central	Mineração	<ul style="list-style-type: none"> • Incentivar o desenvolvimento de estratégias regionais e nacionais e melhorar a recolha de dados. • Promover parcerias público-privadas para melhorar a qualidade do ensino e formação profissionais e oferecer uma formação que responda à procura de competências. • Melhorar a sustentabilidade e a inclusão do setor através da melhoria das competências dos mineiros artesanais e de pequena escala. • Reforçar a transparência, a responsabilização e a governação a vários níveis para uma melhor afetação dos recursos.
África Oriental	Competências Digitais	<ul style="list-style-type: none"> • Expandir o acesso à Internet e integrar as competências digitais no ensino. • Orientar a oferta de competências digitais intermédias e avançadas para as necessidades específicas de cada país e para a procura mundial. • Reforçar a integração regional dos mercados digitais, a cooperação regional em matéria de desenvolvimento de infraestruturas e competências.
Norte de África	Energias Renováveis	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver estratégias nacionais para as energias renováveis que tenham em conta a procura futura de competências. • Aumentar a oferta de competências, promovendo a formação no local de trabalho, a investigação e o desenvolvimento e os centros de excelência. • Apoiar o desenvolvimento de competências através da cooperação com parceiros públicos e privados, a todos os níveis.
África Ocidental	Agroalimentar	<ul style="list-style-type: none"> • Reforçar a profissionalização através de parcerias público-privadas e de iniciativas locais. • Reduzir o défice de competências através de uma maior cooperação entre as instituições de investigação e o setor privado. • Mobilizar o investimento para melhorar as competências dos trabalhadores, a fim de responder aos desafios globais, nomeadamente às alterações climáticas.

Fonte: Compilação dos autores.

Visão geral

O desenvolvimento de competências pode aumentar a produtividade da reserva de talentos de África e criar empregos

Para melhorar a produtividade e a qualidade do seu crescimento económico, África deve investir num ciclo virtuoso de melhores competências para melhores empregos. Em 2025, prevê-se que o crescimento real de África seja de 4,0%, ultrapassando a América Latina e as Caraíbas (2,5%) e ficando logo atrás da Ásia em desenvolvimento (4,8%). No entanto, o crescimento económico do continente continua a gerar poucos empregos de qualidade, uma vez que o crescimento não se traduz em ganhos de produtividade suficientes (CUA/OCDE, 2019^[1]; CUA/OCDE, 2018^[2]). As lacunas de competências são uma das principais razões. Em parte, devido à escassez de mão de obra qualificada – nomeadamente em setores como o agroalimentar e as energias renováveis – o investimento privado continua a ser inferior ao potencial do continente (CUA/OCDE, 2023^[3]). África tem a maior percentagem de emprego informal comparada a qualquer outra região do mundo, em resultado de uma transformação produtiva lenta; estima-se que 82% de todos os trabalhadores do continente têm um emprego informal, em comparação com 56% na América Latina e Caraíbas e 73% na Ásia em desenvolvimento. Na África do Sul, um país com uma baixa percentagem de informalidade, 76% dos empregadores afirma ter dificuldade em encontrar os talentos de que necessitam (ManpowerGroup, 2022^[4]). São necessários trabalhadores qualificados para reforçar a incipiente transformação produtiva de África e para criar empregos de qualidade em grande escala. A edição de 2024 do relatório “Dinâmicas do Desenvolvimento de África” aborda, por conseguinte, as competências, os empregos e a produtividade, coincidindo com a escolha da União Africana de “educação” como o tema do ano.

Continuar a expandir a educação de qualidade poderá gerar maiores retornos em África do que noutras regiões do mundo.

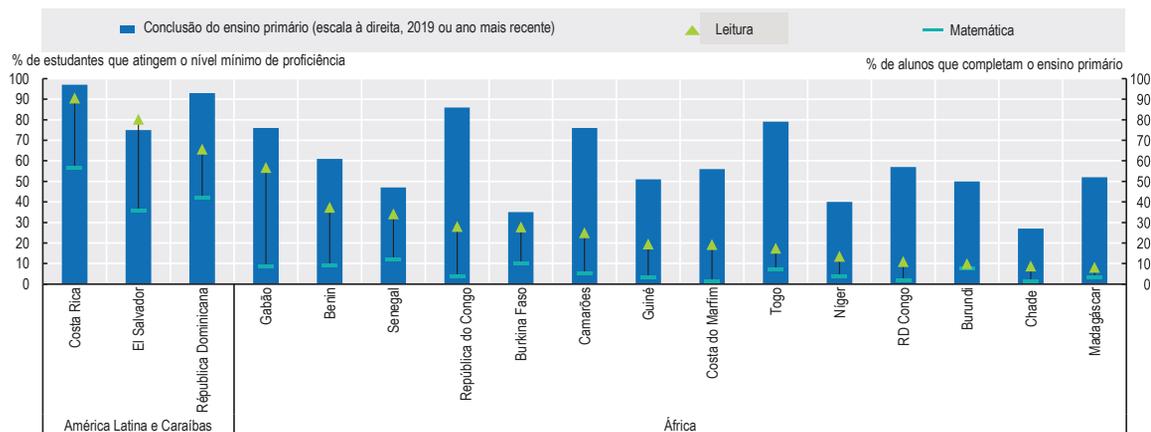
- As crianças em África beneficiam de apenas 5,1 anos de escolaridade ajustados à aprendizagem (uma métrica que combina a quantidade e a qualidade da escolaridade),¹ em comparação com 7,2 na Ásia em desenvolvimento, 7,8 na América Latina e Caraíbas e 10,5 nos países de rendimento elevado. A proficiência em matemática e leitura é mais baixa em África do que noutras regiões do mundo (Figura 1).
- Os retornos da educação são mais elevados em África do que em qualquer outra parte do mundo. Cada ano adicional de ensino poderia aumentar os rendimentos dos alunos africanos em 8,2% a 11,4%, em comparação com 7,6% a 9,1% nos países da América Latina e Caraíbas (Peet, Fink and Fawzi, 2015^[5]).
- O produto interno bruto (PIB) de África poderia aumentar mais de 22 vezes, ou seja, cerca de 154 biliões de USD, até ao final do século – mais do que qualquer outra região do mundo – se todas as crianças africanas atingissem níveis de competências fundamentais (Gust, Hanushek and Woessmann, 2024^[6]).²
- As empresas também beneficiam de trabalhadores mais instruídos. No setor da indústria transformadora, dados de mais de 7 600 empresas em 27 países africanos mostram que um aumento de 10 pontos percentuais de trabalhadores com diplomas do ensino secundário e universitário está associada a um aumento da produtividade média das empresas (vendas por trabalhador) de 4,2% e 4,8%, respetivamente (Okumu and Mawejje, 2020^[7]).

Os trabalhadores não possuem as competências específicas necessárias para os empregos atuais (oferta limitada), ao mesmo tempo que não existem empregos de

qualidade, em número suficiente, para reforçar as suas competências (procura limitada). Num inquérito realizado em seis países africanos, muitos graduados do ensino secundário não correspondiam às expectativas dos empregadores em termos de competências técnicas (quase 50%), competências digitais, empresariais e de gestão (25%) e competências interpessoais (10-40%) (ACET, 2022^[8]). No Gana, cerca de 14% das empresas inquiridas declararam recrutar funcionários com competências digitais internacionalmente, porque não conseguiam encontrar talentos locais qualificados (IFC, 2019^[9]). Mais de 80% dos jovens africanos que frequentam a escola aspiram a trabalhar em profissões altamente qualificadas, mas apenas 8% encontram esses empregos (OCDE, 2017^[10]).³

As lacunas de competências variam consoante os países. As economias africanas que estão a diversificar-se (por exemplo, Egito, Essuatíni, Maurícias, Senegal e Tunísia) dependem de profissões que exigem mais 3,8 pontos percentuais de competências fundamentais e interpessoais do que os países que dependem do emprego agrícola (por exemplo, Burundi, República Democrática do Congo, Moçambique, Tanzânia e Uganda).

Figura 1. Proficiência mínima em matemática e leitura e conclusão do ensino primário em países selecionados da América Latina e Caraíbas e de África, 2019



Nota: As discrepâncias regionais na percentagem de crianças do sexto ano que atingem níveis mínimos de proficiência podem dever-se, em parte, a diferenças nos quadros de avaliação, nos contextos e nos constructos medidos. São apresentados todos os países africanos para os quais existem dados disponíveis. Os dados relativos à América Latina e às Caraíbas incluem apenas os desempenhos superior, médio e inferior de todos os países que participaram na avaliação.

Fonte: Compilação dos autores com base em UNESCO/PASEC/LECE/IEA (2022^[11]), "Establishing a concordance between regional (ERCE and PASEC) and international (TIMSS/PIRLS) assessments", https://www.researchgate.net/publication/361903612-Rosetta-Stone_Policy-Brief_2022.

StatLink <https://stat.link/82pda1>

As diferenças de género e entre zonas rurais e urbanas no desenvolvimento de competências provocam disparidades significativas no emprego e na remuneração. As raparigas e as mulheres enfrentam barreiras mais significativas ao desenvolvimento de competências do que os rapazes e os homens, uma vez que normas discriminatórias de género restringem muitas vezes a sua frequência escolar ou de formação e as oportunidades de emprego (ACET, 2022^[12]; OCDE, 2022^[13]). A taxa de crianças em idade escolar e que não frequentam a escola primária é 4,2 pontos percentuais mais alta para raparigas do que para rapazes (UNESCO, 2022^[14]). A disparidade salarial entre homens e mulheres é de cerca de 30% na maioria dos países africanos (ONU Mulher, 2022^[15]). A percentagem de trabalhadores em profissões qualificadas é de cerca de 27% entre os homens versus 15% entre as mulheres e 30% entre os habitantes urbanos versus 13% entre os habitantes rurais. Estas desigualdades interseccionam-se, com menos de 10% das mulheres rurais a exercerem profissões qualificadas em comparação com quase 45% dos

homens urbanos. O salário por hora de todos os trabalhadores em zonas rurais é apenas metade em relação ao salário das grandes cidades (OCDE/UNECA/BAfD, 2022_[16]).⁴

Os trabalhadores altamente qualificados tendem a sair de África. Os migrantes pouco qualificados dos países africanos permanecem, na sua maioria, no continente, sendo o desenvolvimento de competências um dos vários fatores subjacentes às decisões de migração. Para os migrantes altamente qualificados, as oportunidades de emprego baseadas em competências representam um fator mais importante. Em 2020, 74% dos trabalhadores migrantes altamente qualificados optaram por se mudar para outro continente; a grande maioria (98%) escolheu países de elevado rendimento como destino. Quase metade (47%) dos indivíduos com formação superior nascidos na África Oriental residia no estrangeiro em 2020.

O pool de talento em África está a crescer rapidamente, e o investimento direcionado para a educação e formação promete impulsionar a produtividade

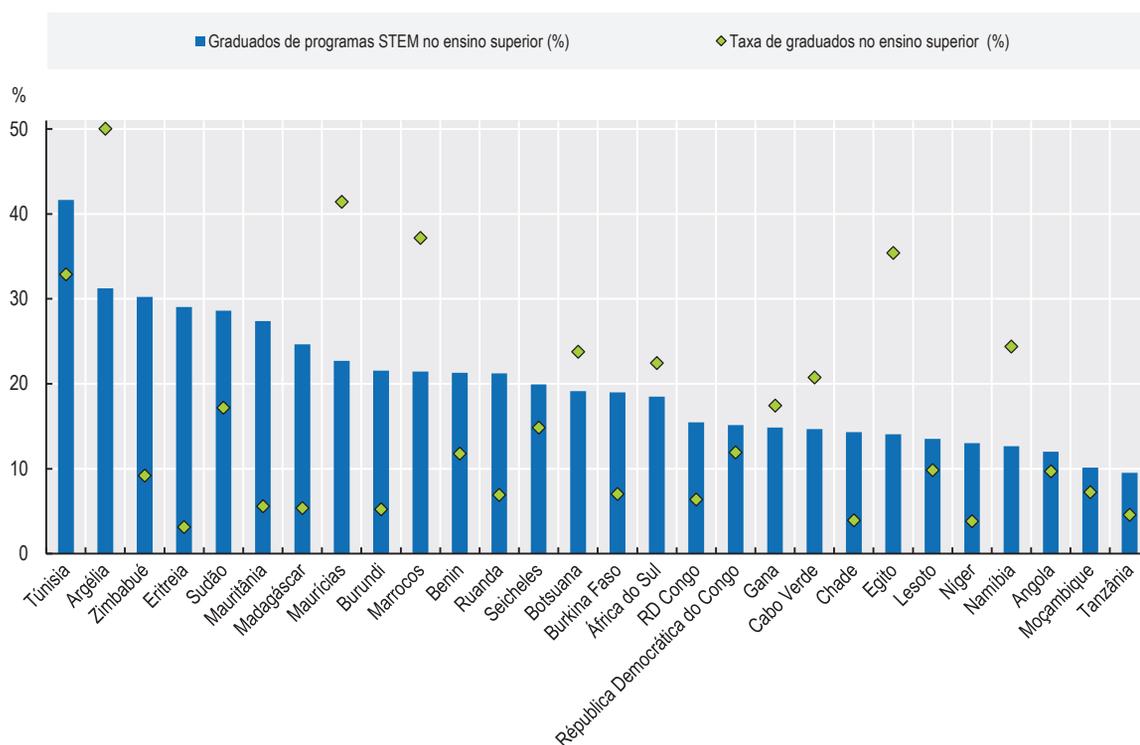
À medida que a crescente população africana se torna mais instruída, o continente está a desenvolver um pool de talento sem precedentes e a melhorar a sua estrutura etária para obter um dividendo demográfico. A população africana em idade ativa (ou seja, entre os 15 e os 64 anos) quase duplicará até 2050, passando de 849 milhões em 2024 para 1 556 milhões em 2050. Este crescimento representará 85% do aumento total da população mundial em idade ativa. Projetando rácios de inscrição constantes, o número de jovens africanos que completam o ensino secundário superior ou o ensino superior mais do que duplicará entre 2020 e 2040, passando de 103 milhões para 240 milhões por ano. Nos últimos 20 anos, a média de anos de escolaridade aumentou mais de 2 anos em 28 países africanos de acordo com os dados disponíveis. A continuação dos progressos, em especial no que se refere à educação das raparigas, também contribuirá para alterar favoravelmente a demografia de África, adiando a idade da gravidez na adolescência. Isto aumentará o dividendo demográfico de África, aumentando a população ativa em comparação com a população inativa. Uma educação de melhor qualidade para milhões de africanos pode resultar num progresso impressionante para toda a sociedade.

O desenvolvimento de competências que chegue efetivamente aos trabalhadores informais, especialmente na agricultura e no comércio, pode aumentar a produtividade de milhões de trabalhadores. A percentagem de jovens sem emprego, educação ou formação em 12 países africanos é, em média, 7 pontos percentuais mais alta para os jovens de agregados familiares que dependem exclusivamente do emprego informal (OCDE, 2024_[17]). Os trabalhadores precários⁵ representam 93% da força de trabalho na agricultura, silvicultura e pesca e 84% no comércio grossista e retalhista. Em conjunto, estes dois setores representam cerca de metade dos empregos criados nas últimas duas décadas, e têm a percentagem mais baixa de profissões com elevada complexidade e variedade de tarefas e deveres. “Em 2040, os trabalhadores por conta própria e os trabalhadores familiares em África representarão 65% do emprego de acordo com as tendências atuais”, passando de 325 milhões para 529 milhões, segundo CUA/OCDE (2021_[18]).

Um maior investimento em competências técnicas, como a ciência, a tecnologia, a engenharia e a matemática (STEM), aumentará a produtividade laboral. Trabalhadores com competências STEM podem apoiar o desenvolvimento de cadeias de valor intensivas em tecnologia, como a indústria automóvel, a eletrónica, os painéis solares, os produtos farmacêuticos e dispositivos médicos, e a indústria mineira (UNCTAD, 2023_[19]; Dugbahaz et al., 2021_[20]). No entanto, ao investir em disciplinas técnicas, os decisores políticos e as instituições de ensino africanas têm, muitas vezes, de escolher entre inclusão e a excelência seletiva. Em toda a África, apenas a Argélia, as Maurícias, Marrocos e a Tunísia apresentam taxas de graduação em STEM superiores a 20%, juntamente com

um elevado número de matrículas no ensino superior (Figura 2). Consequentemente, os países africanos têm um número limitado de profissionais de engenharia per capita: variam entre 540 por 100 000 habitantes nas Seicheles e menos de 45 na República Democrática do Congo, Madagascar, Malawi e Moçambique. Em comparação com 1 160 profissionais de engenharia no Reino Unido e 850 nos Estados Unidos. (UNESCO/ICEE, 2021^[21]; SADC, 2018^[22]).

Figura 2. Percentagem de diplomados do ensino superior em programas de ciências, tecnologia, engenharia e matemática (STEM) e taxas brutas de matrícula nos países africanos, média 2015-23



Nota: As taxas brutas de matrícula representam o total de matrículas no ensino superior (CITE 5 a 8), expressas em percentagem da população total do grupo etário de cinco anos após a conclusão do ensino secundário.

Fonte: Instituto de Estatística da UNESCO (2023^[23]), UIS Stat (base de dados), <http://data.uis.unesco.org/>.

StatLink <https://stat.link/yf06cr>

As competências digitais são procuradas em todo o continente, enquanto a necessidade de competências ecológicas está a aumentar com os desafios climáticos

A revolução digital está a redefinir a procura e a oferta de competências no mercado de trabalho africano. À medida que a digitalização do continente avança, a procura de competências digitais básicas (por exemplo, navegação na Internet, comunicação móvel) e de competências digitais intermédias (por exemplo, utilização de software de folha de cálculo e de apresentação) está a crescer rapidamente, estando também a surgir a procura de competências avançadas (por exemplo, programação). Até 2030, prevê-se que 70% da procura de competências digitais corresponda a competências básicas e 23% a competências intermédias. A maior parte da procura far-se-á nos serviços (Figura 3). Embora a oferta de competências digitais básicas esteja a aumentar, as competências digitais intermédias e avançadas continuam a ser escassas (Quadro 1).

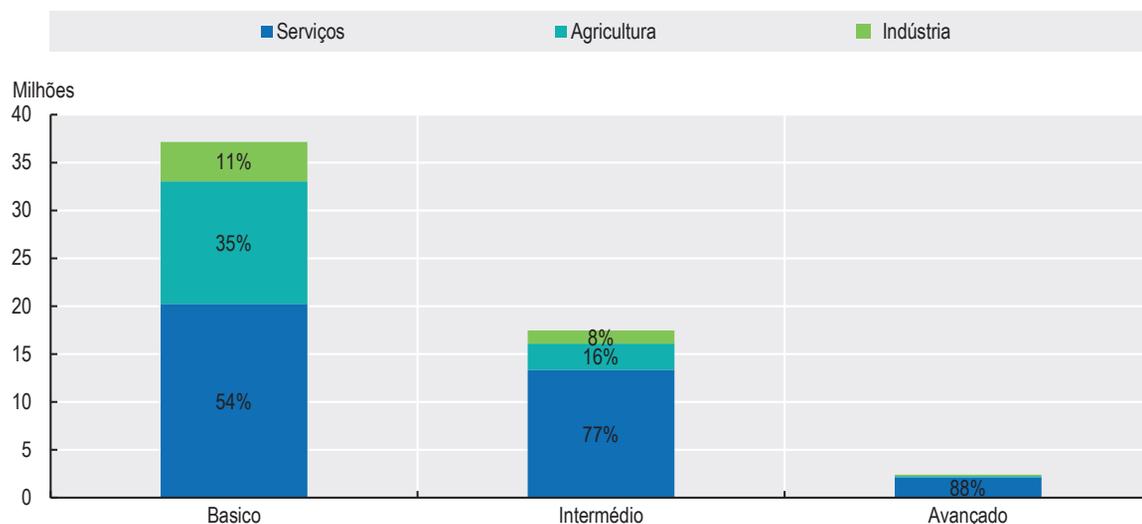
Quadro 1. Procura e oferta de competências digitais em África

	Competências digitais básicas (por exemplo, utilização de um smartphone, correio eletrónico, gestão básica de ficheiros, navegação na Web, comunicação móvel)	Competências digitais intermédias (por exemplo, utilização de vários dispositivos, software de comércio eletrónico e financeiro, redes sociais profissionais, introdução e gestão de dados)	Competências digitais avançadas (por exemplo, web design, programação, desenvolvimento de IA, ciência dos dados)
Procura	Procura muito grande Prevê-se que, até 2030, 70% da procura de competências digitais seja para competências digitais básicas (Banco Mundial, 2021 ^[24]).	Grande procura Prevê-se que, até 2030, 23% da procura de competências digitais corresponda a competências intermédias (Banco Mundial, 2021 ^[24]).	Procura emergente Embora os mercados de IA estejam mais maduros nas economias de elevado rendimento, alguns países africanos estão a emergir como líderes regionais de IA (Banco Mundial, 2021 ^[24]).
Oferta	Oferta crescente 26,4% da população africana sabe como utilizar uma conta de dinheiro móvel. Em 15 países africanos, 9% da população jovem possui competências digitais básicas (cálculos dos autores baseados no Banco Mundial (2021 ^[25]) e UNICEF (2022 ^[26])).	Oferta limitada 5% da população jovem possui competências digitais intermédias em 15 países africanos (cálculo dos autores baseado em UNICEF (2022 ^[26])).	Oferta escassa África representa apenas 1,3% dos utilizadores globais do GitHub - uma plataforma muito utilizada pelos programadores de programas (OCDE et al., 2021 ^[27]).

Nota: IA - inteligência artificial.

Fonte: Compilação dos autores.

Figura 3. Empregos que exigem competências digitais até 2030 em cinco países africanos, por nível de competências



Nota: Os dados abrangem a Costa do Marfim, o Quênia, Moçambique, a Nigéria e o Ruanda.

Fonte: Cálculos dos autores baseados no Banco Mundial (2021^[24]), *Demand for Digital Skills in Sub-Saharan Africa*, <https://www.datocms-assets.com/37703/1623797656-demand-for-digital-skills-in-sub-saharan-africa.pdf>.

StatLink <https://stat.link/jgkp16>

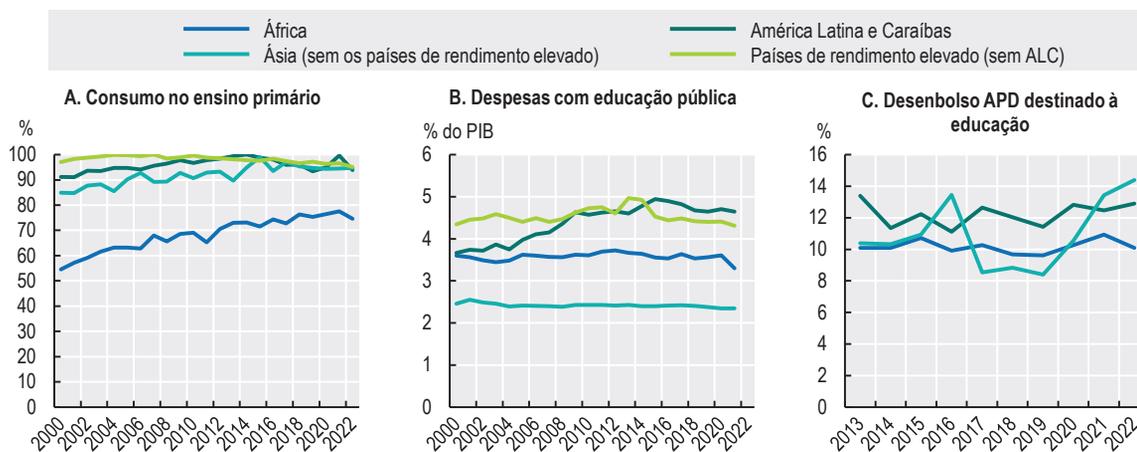
A luta contra as alterações climáticas pode criar empregos e aumentar a produtividade de África em setores-chave, mas são necessárias mais competências ecológicas. Produzindo menos de 4% das emissões globais de gases com efeito de estufa criadas pela atividade humana, África é a região do mundo que menos contribui para as alterações climáticas; no entanto, é a mais vulnerável e a mais exposta às consequências das alterações climáticas (IPCC, 2022^[28]). Não obstante, uma transição ecológica poderia criar oportunidades de emprego e crescimento em África: as energias renováveis e as infraestruturas sustentáveis poderiam gerar mais de 9 milhões de empregos entre 2019 e 2030 e mais 3 milhões de empregos até 2050 (IRENA/BAfD, 2022^[29]). São necessárias

competências específicas, e muitas das lacunas de competências no setor das energias renováveis encontram-se em funções profissionais (Capítulo 6). Estas funções de qualificação intermédia exigem frequentemente formação especializada para além da necessária para os empregos típicos no setor da energia (AIE, 2023^[30]). As medidas de adaptação às alterações climáticas, incluindo uma melhor literacia climática e uma agricultura inteligente do ponto de vista climático, podem aumentar a produtividade e proporcionar mais oportunidades de emprego (Capítulo 7) (IPCC, 2022^[28]; Williams et al., 2021^[31]).

Melhores políticas contribuem para o desenvolvimento de competências produtivas e inclusivas em África

Os países africanos e os seus parceiros de desenvolvimento podem alargar os esforços para proporcionar educação a todos os africanos. Com o aumento das taxas de escolarização, que passaram de cerca de 55% em 2000 para 75% em 2022, há atualmente milhões de crianças a mais, a receber educação do que no início do século (Figura 4, Painel A). No entanto, para aproximar a taxa a outras regiões do mundo, maior investimento em competências continua a ser uma prioridade, apesar das restrições orçamentais (FMI, 2024^[32]). Em média, em 2021, os governos africanos gastaram 3,7% do PIB em educação, representando 14,5% da despesa pública total. Estas percentagens estão ligeiramente abaixo dos valores de referência internacionais estabelecidos pela UNESCO de, pelo menos 4% do PIB e 15% da despesa pública total (UNESCO, 2015^[33]). A despesa pública com a educação estagnou desde 2000 (Figura 4, Painel B), devido a restrições orçamentais importantes (OCDE/CUA/ATAF, 2023^[34]) e preocupações com a dívida (CUA/OCDE, 2023^[3]). Os desembolsos dos doadores para a educação também se estabilizaram em África, em cerca de 10% dos desembolsos totais da ajuda pública ao desenvolvimento desde 2013 (Figura 4, Painel C).

Figura 4. Conclusão do ensino primário, despesa pública com a educação e percentagem da ajuda pública ao desenvolvimento para a educação, por regiões do mundo, 2000-22



Nota: A taxa de conclusão do ensino primário é o número de novos participantes (matrículas menos repetências) no último ano do ensino primário, independentemente da idade, dividido pela população na idade de entrada para o último ano do ensino primário. O ano mais antigo disponível na base de dados do Creditor Reporting System (CRS) no Painel C é 2013. A categoria “Países de elevado rendimento (sem ALC)” é omitida do Painel C. APD = ajuda pública ao desenvolvimento. ALC = América Latina e Caraíbas.

Fonte: Painel A: Instituto de Estatística da UNESCO (2023^[23]), UIS Stat (base de dados), <http://data.uis.unesco.org/>; Painel B: FMI (2023^[35]), World Economic Outlook (base de dados), <https://www.imf.org/en/Publications/WEO>; Painel C: OCDE.Stat (2024^[36]), Creditor Reporting System (CRS) (base de dados), <https://stats.oecd.org/Index.aspx?DataSetCode=crs1>.

StatLink  <https://stat.link/4gto6b>

Para serem eficazes, as políticas de desenvolvimento de competências devem equilibrar a elevada produtividade, o potencial de emprego e inclusão, considerando as vantagens comparativas, as capacidades e os recursos financeiros de cada país. Nesse sentido, este relatório propõe ações políticas para enfrentar cinco desafios relacionados com as lacunas de competências em África, que estão a impedir uma maior criação de emprego e produtividade (Quadro 2).

Quadro 2. Desafios e ações políticas para aumentar as competências, o emprego e a produtividade

Desafios	Agenda política	Ações políticas
Crescimento demográfico que está a ultrapassar o crescimento do emprego formal; diferenças significativas entre países na seleção da oferta e da procura de competências, em especial no que se refere às competências digitais e ambientais	Estratégias nacionais específicas que identifiquem setores prioritários, com base em dados granulares, para dar resposta às necessidades emergentes em matéria de competências	<ul style="list-style-type: none"> • Orientar as estratégias em matéria de competências através de dados harmonizados, atualizados e comparáveis sobre a inadequação das competências • Selecionar setores prioritários com elevada produtividade e potencial de emprego, com base nas vantagens comparativas nacionais • Integrar as competências digitais e ambientais nas estratégias, abordando as lacunas de competências específicas de cada país
Escassez significativa de competências básicas	Desigualdade de género e entre zonas rurais e urbanas Avaliações da aprendizagem e intervenções rentáveis para expandir a qualidade do ensino	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliações da aprendizagem e intervenções rentáveis para expandir a qualidade do ensino • Avaliar os pontos fracos dos sistemas de ensino nacionais que resultam em lacunas nas competências básicas • Orientar os investimentos para as medidas mais rentáveis • Acompanhar os progressos em relação aos padrões de referência internacionais para informar as reformas
Crescimento do emprego confinado a setores de baixa produtividade/alta informalidade; Desigualdade de género e entre as zonas rurais e urbanas.	Formação inovadora no local de trabalho e fora dele e reconhecimento de competências para melhorar a produtividade laboral dos trabalhadores informais e das mulheres	<ul style="list-style-type: none"> • Expandir a formação em competências empreendedoras e transversais para transmitir competências transferíveis que aumentem a produtividade dos trabalhadores • Oferecer estágios certificados em cooperação com o setor privado para proporcionar experiência prática e competências técnicas documentadas • Estabelecer quadros para o reconhecimento de aprendizagens anteriores e de certificados profissionais • Utilizar referenciais internacionais para informar as reformas
Necessidades variáveis de competências técnicas nos países africanos; lacunas nas competências digitais básicas e intermédias	As instituições de ensino e formação técnico-profissional (EFTP) devem adotar abordagens inovadoras que respondam melhor às necessidades emergentes de competências	<ul style="list-style-type: none"> • Envolver o setor privado, incluindo as pequenas e médias empresas, na execução dos programas para garantir a eficácia e a empregabilidade • Aumentar a atração da EFTP para os estudantes, melhorando os currículos, a governação e a reputação das instituições • Aumentar a participação das mulheres e das zonas rurais através da sensibilização local e do envolvimento do setor privado • Aumentar a responsabilização pelas taxas do ensino e formação profissionais e melhorar a coordenação do financiamento dos parceiros
Migração limitada de trabalhadores altamente qualificados em África; grande emigração de trabalhadores altamente qualificados para países com rendimentos elevados	Integração regional das políticas africanas de desenvolvimento de competências	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar as necessidades de competências nos grupos de trabalho transfronteiriços e nas cadeias de valor regionais • Abordar a escassez e as lacunas de competências ao longo das cadeias de valor regionais • Melhorar o reconhecimento e a portabilidade transfronteira das competências • Reduzir a saída de talentos e incentivar a circulação internacional de competências através de parcerias

Fonte: Compilação dos autores.

As diferenças significativas entre países exigem estratégias de competências específicas a nível nacional baseadas numa análise de dados mais exaustiva. Para alinhar a oferta de competências com a procura atual e futura, as estratégias nacionais podem utilizar uma análise detalhada de dados para focar o desenvolvimento de competências em setores prioritários e em lacunas específicas de competências digitais e ambientais. Ao

reforçar a qualidade dos sistemas de informação sobre o mercado de trabalho, aumentar a frequência dos inquéritos e promover a colaboração com o setor privado, os países africanos podem avaliar melhor a oferta e a procura de competências. O uso de big data, especialmente de plataformas de emprego online, pode facilitar uma análise detalhada e em tempo real da procura de competências e ajudar a antecipar necessidades futuras.

Na África Oriental, as Maurícias estabeleceram, uma política digital abrangente que incentiva as empresas a atraírem trabalhadores com competências e incita os trabalhadores a adquirirem competências, nomeadamente em matéria de investigação e desenvolvimento e inovação relacionadas com a inteligência artificial (IA) (ANDP, 2019^[37]; República das Maurícias, 2018^[38]). A Etiópia, o Ruanda e o Uganda também estão a formular políticas especificamente sobre o desenvolvimento de competências em matéria de IA (Diplo, 2022^[39]).

Uma despesa eficiente no setor da educação, intervenções com uma boa relação custo-benefício e avaliações da aprendizagem podem contribuir para melhorar a qualidade do ensino. As ineficiências das despesas de África no domínio da educação continuam a ser elevadas: entre 2000 e 2017, equivaliam a mais de 40 mil milhões de dólares por ano (FMI, 2021^[40]). Para obter melhores resultados de aprendizagem com fundos limitados, poderiam ser alargadas as intervenções com uma boa relação custo-eficácia, como o apoio aos professores com uma pedagogia estruturada e um ensino direcionado por nível de aprendizagem (Angrist et al., 2023^[41]). Aplicar estes tipos de intervenções para atingir 90% dos alunos do ensino primário nos países africanos custaria o equivalente a apenas 2,3% das despesas do continente com a educação em 2021, gerando um retorno de 1,2 anos de escolaridade ajustados à aprendizagem.⁶ Avaliações comparáveis de aprendizagem a nível nacional e regional e internacional podem servir para monitorizar os resultados da educação e os impactos das políticas.

No Norte de África, o Ministério da Educação de Marrocos apresentou um roteiro para a reforma do sistema educativo em 2022, concebido para responder aos baixos resultados do país em 2018 no PISA, o Programa Internacional de Avaliação de Alunos da OCDE. O roteiro centra-se na melhoria do impacto da aprendizagem, no bem-estar dos estudantes e nos resultados fundamentais da aprendizagem (Madrastna, 2022^[42]) (Madrastna, 2022^[43]).

A formação e o reconhecimento de competências podem aumentar a produtividade dos trabalhadores informais e das mulheres. A formação em competências empresariais, de gestão e interpessoais é generalizada, mas os formatos de formação variam em termos de eficácia e têm de ser escolhidos com cuidado para aumentar a produtividade. Nas empresas africanas da indústria transformadora e dos serviços onde é dada formação aos trabalhadores, as vendas por trabalhador são cerca de 20% mais elevadas do que para as que não o fazem. No entanto, menos de 30% das empresas registadas em África disponibilizam formação formal aos trabalhadores, em comparação com quase 50% na América Latina (BAfD, 2020^[44]).⁷ Cerca de 75% dos formandos informais encontram um emprego em menos de seis meses depois de concluírem a sua aprendizagem, tornando-se a maioria deles trabalhadores independentes ou empregados pelas empresas que acolheram a sua aprendizagem (OIT, 2022^[45]). Os programas de formação podem ajudar a reduzir as disparidades salariais entre homens e mulheres: a formação em competências socio emocionais pode gerar rendimentos mais elevados para as trabalhadoras e garantir uma maior probabilidade de sucesso nos seus empreendimentos empresariais (Bali moune-Lutz, Brixiova and Ncube, 2014^[46]). O reconhecimento da aprendizagem anterior pode criar cenários vantajosos para os trabalhadores informais e para os empregadores, mas o apoio disponível é muitas vezes desconhecido para ambos.

As instituições de Educação e Formação Técnica e Profissional (EFTP) podem responder melhor às necessidades emergentes de competências em África. Nos próximos 20 anos, prevê-se que o número de estudantes do ensino secundário de EFTP aumente mais do que 4 vezes em economias agrárias como o Burundi, o Mali e o Uganda e que 10 vezes no Níger (OIT/Banco Mundial/UNESCO, 2023^[47]). As instituições de EFTP beneficiariam de uma melhor reputação e de currículos mais relevantes, nomeadamente em matéria de competências digitais. O reforço das ligações com setor privado pode melhorar a profissionalização dos formadores de EFTP e ajudar a alinhar a oferta de competências com a procura. Apenas 30% dos formadores de EFTP em África têm experiência recente em empresas relacionadas com os setores que ensinam (IIEP-UNESCO, 2023^[48]). O financiamento nacional da EFTP pode ser mais responsável, uma vez que os fundos da taxa de formação são frequentemente retidos pelo governo central e desviados para outros fins. Dos fundos analisados em 29 países africanos, o único país em que 100% das taxas de formação cobradas se destinam à formação de EFTP é o Senegal, em comparação com 60% no Níger, 17% na Zâmbia e 5% no Burkina Faso (UNESCO, 2022^[49]).

Na África Ocidental, a Estratégia Nacional de Educação e Formação Técnica e Profissional do Benim (SN-EFTP 2020-2030) prevê um aumento nas instituições de ensino técnico agrícola de cerca de 10 para 30 até 2025 (Marie, 2022^[50]).

A integração regional do desenvolvimento de competências em África depende de políticas e parcerias harmonizadas. O alinhamento de políticas relevantes em todos os países pode ajudar a colmatar as lacunas de competências, permitindo aos países africanos colher os benefícios da interação entre a mobilidade das competências, o comércio livre – nomeadamente ao desenvolver a Zona de Comércio Livre Continental Africana (AfCFTA) – e a livre circulação de pessoas através das fronteiras. Os cinco Centros de Excelência Regionais da AUDA-NEPAD podem ajudar a antecipar as competências setoriais necessárias em toda a África. As parcerias com atores internacionais e privados podem ajudar a enfrentar os desafios do desenvolvimento de competências nas cadeias de valor regionais (OCDE/CUA/UE/AUDA-NEPAD, 2023^[51]). Os programas de intercâmbio universitário e as parcerias para a mobilidade de competências, dentro e fora da África, são cruciais para reter estudantes com um elevado nível de formação e aumentar a circulação de competências.

Na África Central e Austral, o Centro de Excelência para a Investigação Avançada em Baterias entre a República Democrática do Congo e a Zâmbia apoia a cooperação público-privada para a formação e investigação em diferentes segmentos das cadeias de valor das baterias para veículos elétricos.

As regiões africanas podem tirar melhor partido das suas vantagens comparativas para acelerar a transformação produtiva e a criação de emprego. Os cinco capítulos regionais do relatório (Capítulos 3-7) resumem algumas das características mais relevantes do desenvolvimento de competências em cada região e destacam como cada uma delas pode acelerar o desenvolvimento de competências em setores estratégicos. Os estudos de caso nesses capítulos propõem formas de implementar as cinco recomendações de políticas continentais do relatório (Quadro 3) em setores específicos. Seguem-se alguns exemplos:

- O setor mineiro da África Austral beneficiaria com o desenvolvimento de indústrias a jusante onde o valor acrescentado por trabalhador é superior ao da extração, como a lapidação de diamantes (por exemplo, no Botsuana), a produção de aço (por exemplo, no Zimbabué), a refinação de cobalto (por exemplo, na Zâmbia) e o fabrico de veículos elétricos (por exemplo, na Namíbia e na África do Sul). Atualmente, a escassez de competências técnicas e o emprego predominantemente informal impedem o aumento da produtividade. Mais de metade dos trabalhadores mineiros da região, principalmente informais e pouco qualificados, trabalham na extração artesanal e em pequena escala (ASM).

- A África Central possui reservas significativas de minerais estratégicos, que representam quase 70% da produção mundial de cobalto, 30% da produção de tântalo e 20% da produção de manganês, mas não faz a transformação destes recursos na região (por exemplo, a República Democrática do Congo produz 69% do cobalto mundial, mas transforma menos de 1% desse metal). A melhoria das competências técnicas pode ajudar a desenvolver o processamento e a transformação dos minerais a nível local, aumentar a produtividade dos trabalhadores da MAPE e satisfazer a crescente procura mundial.
- Os progressos da África Oriental no desenvolvimento de competências digitais são muito desiguais: a percentagem da população com mais de 15 anos que possui competências digitais básicas varia entre 33% nas Maurícias e 4% no Sudão do Sul. A expansão da oferta de competências digitais específica a cada país, especialmente através de instituições de ensino e formação profissional, pode ser uma resposta eficaz à crescente procura de competências digitais na região.
- O Norte de África tem o maior potencial entre as regiões africanas para o desenvolvimento da energia solar e eólica e deverá tornar-se o principal exportador de hidrogénio verde, com exportações potenciais previstas de 110 mil milhões de dólares por ano até 2050. O Egito, o Marrocos e a Argélia contribuíram para a expansão da energia solar na região, ocupando o segundo, terceiro e quarto lugar na geração de energia solar no continente. O Egito e o Marrocos também dominam a produção africana de energia eólica, depois da África do Sul (IRENA, 2023^[52]). O desenvolvimento de competências técnicas específicas (por exemplo, na construção e instalação) e de competências de gestão (por exemplo, na gestão de projetos) no setor das energias renováveis poderia criar pelo menos 2,7 milhões de empregos adicionais, melhorar a segurança energética, reduzir a poluição atmosférica e contribuir para os esforços globais de redução das emissões de gases com efeito de estufa.
- Entre 5 e 9 países da África Ocidental encontram-se normalmente entre os 20 maiores produtores mundiais de uma dúzia de produtos agroalimentares, como o fonio, as nozes de carité, o inhame e cacau. No entanto, quase 24% dos produtos da região perdem-se após a colheita. A melhoria das competências técnicas e das técnicas de conservação pode reduzir este desperdício. O aumento da investigação e desenvolvimento e das competências ecológicas no setor agroalimentar pode apoiar o desenvolvimento de produtos de maior valor e reforçar a segurança alimentar regional e a resistência às alterações climáticas.

Quadro 3. Competências, emprego e produtividade: Recomendações políticas por região

Região	Estudo de caso	Recomendações políticas
África Austral	Mineração	<ul style="list-style-type: none"> • Monitorizar o desenvolvimento de competências em conformidade com as normas regionais e as melhores práticas mundiais. • Incorporar no ensino e na formação no setor mineiro os conjuntos de competências técnicas e complementares específicas de cada país. • Orientar os programas de educação e formação diretamente para as mulheres e os trabalhadores da mineração artesanal e de pequena escala.
África Central	Mineração	<ul style="list-style-type: none"> • Incentivar o desenvolvimento de estratégias regionais e nacionais e melhorar a recolha de dados. • Promover parcerias público-privadas para melhorar a qualidade da EFTP e oferecer uma formação que responda à procura de competências. • Melhorar a sustentabilidade e a inclusão do setor mineiro através da melhoria das competências dos mineiros artesanais e de pequena escala. • Reforçar a transparência, a responsabilização e a governação a vários níveis para uma melhor afetação dos recursos.

Quadro 3. Competências, emprego e produtividade: Recomendações políticas por região (continuação)

Região	Estudo de caso	Recomendações políticas
África Oriental	Competências digitais	<ul style="list-style-type: none"> • Expandir o acesso à Internet e integrar as competências digitais no ensino. • Orientar a oferta de competências digitais intermédias e avançadas para as necessidades específicas de cada país e para a procura mundial. • Reforçar a integração regional dos mercados digitais, as infraestruturas e a cooperação regional para o desenvolvimento de competências.
Norte de África	Energias renováveis	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver estratégias nacionais para as energias renováveis que tenham em conta a procura futura de competências. • Aumentar a oferta de competências através da promoção da formação no local de trabalho, da investigação e desenvolvimento e de centros de excelência. • Apoiar o desenvolvimento de competências através da cooperação com parceiros públicos e privados a todos os níveis.
África Ocidental	Agroalimentar	<ul style="list-style-type: none"> • Reforçar a profissionalização através de parcerias público-privadas e de iniciativas locais. • Reduzir o défice de competências através de uma maior cooperação entre as instituições de investigação e o setor privado. • Mobilizar o investimento para melhorar as competências dos trabalhadores, a fim de responder aos desafios globais, nomeadamente às alterações climáticas.

Fonte: Compilação dos autores.

Notas

1. Os anos de escolaridade ajustados à aprendizagem reúnem a quantidade e a qualidade da educação numa única métrica, reflectindo o facto de durações semelhantes de escolaridade poderem produzir resultados de aprendizagem diferentes. Ver Filmer et al. (2020^[53]) para a metodologia detalhada.
2. O modelo de Gust, Hanushek e Woessmann pressupõe uma procura constante de mão de obra para as competências de base, o que significa que um aumento da oferta de competências resulta diretamente em crescimento económico.
3. Estes números são retirados de um inquérito que abrange 11 países africanos entre 32 países de baixo e médio rendimento.
4. Cálculos dos autores baseados no Banco Mundial (2023^[55]).
5. Para uma definição de trabalhadores vulneráveis, ver Capítulo 1.
6. Um acréscimo de 1,2 anos de escolaridade traduzir-se-ia num aumento de cerca de 11% nos rendimentos [cálculo dos autores baseado na estimativa dos retornos da educação em África em Africa in Peet, Fink and Fawzi (2015^[5])].
7. Em 2013-22, 83% das empresas em África registaram-se formalmente quando iniciaram as suas actividades no seu país, contra 87% na América Latina e nas Caraíbas [cálculo dos autores baseado em (World Bank, 2024^[54])].

Referências

- ACET (2022), *Barriers to Young Women’s Employment in the Future World of Work in Ghana & Senegal*, African Center for Economic Transformation, <https://acetforafrica.org/research-and-analysis/reports-studies/multi-country-studies/barriers-to-young-womens-employment-in-the-future-world-of-work-in-ghana-senegal/>. [12]
- ACET (2022), *Strengthening Education and Learning Systems to Deliver a 4IR-Ready Workforce in Africa*, <https://acetforafrica.org/research-and-analysis/reports-studies/multi-country-studies/strengthening-education-and-learning-systems-to-deliver-a-4ir-ready-workforce/>. [8]
- AIE (2023), *World Energy Employment 2023*, Publicações OCDE, Paris, https://iea.blob.core.windows.net/assets/ba1eab3e-8e4c-490c-9983-80601fa9d736/World_Energy_Employment_2023.pdf. [30]
- ANDP (2019), *Estratégia Nacional de Inteligência Artificial do Egito*, The National Council for Artificial Intelligence, https://andp.unescwa.org/sites/default/files/2021-11/Publications_672021000_Egypt-National-AI-Strategy-English.pdf. [37]
- Angrist, N. et al. (2023), “Improving learning in low- and lower-middle-income countries”, *Journal of Benefit-Cost Analysis*, Vol. 14/S1, pp. 55-80, <https://doi.org/10.1017/bca.2023.26>. [41]
- BAfD (2020), *African Economic Outlook 2020: Developing Africa’s Workforce for the Future*, Publicações do Banco Africano de Desenvolvimento, http://www.afdb.org/sites/default/files/documents/publications/african_economic_outlook_2020-en.pdf. [44]

- Balioune-Lutz, M., Z. Brixiova and M. Ncube (2014), *Skills, Gender and Productive Entrepreneurships*, The African Development Bank Group, https://www.afdb.org/fileadmin/uploads/afdb/Documents/Publications/AEC_2014_-_skills_gender_entrepreneurship_august_2014_-_11_2014.pdf. [46]
- Banco Mundial (2021), *Demand for Digital Skills in Sub-Saharan Africa*, Grupo Banco Mundial, <https://www.datocms-assets.com/37703/1623797656-demand-for-digital-skills-in-sub-saharan-africa.pdf>. [24]
- Banco Mundial (2021), *The Global Findex Database*, <https://www.worldbank.org/en/publication/global-findex/Data> (accessed on 12 January 2024). [25]
- CUA/OCDE (2023), *Dinâmica de desenvolvimento de África 2023: Investir no desenvolvimento sustentável*, Comissão da União Africana, Adis Abeba/OCDE Publishing, Paris, <https://doi.org/10.1787/3269532b-en>. [3]
- CUA/OCDE (2021), *Publicações da OCDE, Paris/Comissão da União Africana, Adis Abeba*, OECD Publishing, Paris/African Union Commission, Addis Ababa, <https://doi.org/10.1787/0a5c9314-en>. [18]
- CUA/OCDE (2019), *Africa's Development Dynamics 2019: Achieving Productive Transformation*, African Union Commission, Addis Ababa/OECD Publishing, Paris, <https://doi.org/10.1787/c1cd7de0-en>. [1]
- CUA/OCDE (2018), *Dinâmica de desenvolvimento de África 2018: Crescimento, emprego e desigualdades*, African Union Commission, Addis Ababa/OECD Publishing, Paris, <https://doi.org/10.1787/9789264302501-en>. [2]
- Diplo (2022), *Stronger Digital Voices from Africa: Building African Digital Foreign Policy and Diplomacy*, <https://www.diplomacy.edu/wp-content/uploads/2022/11/Stronger-digital-voices-from-Africa.pdf>. [39]
- Dugbazah, J. et al. (2021), "Leaving no one behind: Accelerating science, technology, engineering, and mathematics (STEM) education in Africa", *AUDA-NEPAD Blog*, <https://www.nepad.org/blog/leaving-no-one-behind-accelerating-science-technology-engineering-and-mathematics-stem#ftn1>. [20]
- Filmer, D. et al. (2020), "Learning-adjusted years of schooling (LAYS): Defining a new macro measure of education", *Economics of Education Review*, Vol. 77, p. 101971, <https://doi.org/10.1016/j.econedurev.2020.101971>. [53]
- FMI (2024), *World Economic Outlook*, <https://www.imf.org/en/Publications/WEO>. [32]
- FMI (2023), *World Economic Outlook*, <https://www.imf.org/en/Publications/WEO> (accessed on 20 February 2024). [35]
- FMI (2021), *Fiscal Monitor: A Fair Shot*, <https://www.imf.org/en/Publications/FM/Issues/2021/03/29/fiscal-monitor-april-2021#Full%20Report>. [40]
- Gust, S., E. Hanushek and L. Woessmann (2024), "Global universal basic skills: Current deficits and implications for world development", *Journal of Development Economics*, Vol. 166, p. 103205, <https://doi.org/10.1016/j.jdeveco.2023.103205>. [6]
- IFC (2019), *Digital Skills in Sub-Saharan Africa: Spotlight on Ghana*, <https://www.ifc.org/content/dam/ifc/doc/mgrt/digital-skills-final-web-5-7-19.pdf>. [9]
- IIEP-UNESCO (2023), *PôleMag*, UNESCO IIEP Dakar, Africa Office, <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000385325>. [48]
- IPCC (2022), *Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability. Contribution of Working Group II to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change*, Cambridge University Press, <https://doi.org/10.1017/9781009325844.011>. [28]
- IRENA (2023), *North Africa: Policies and Finance for Renewable Energy Deployment*, https://mc-cd8320d4-36a1-40ac-83cc-3389-cdn-endpoint.azureedge.net/-/media/Files/IRENA/Agency/Publication/2023/Dec/IRENA_North_Africa_policies_finance_RE_2023.pdf?rev=e3c4c1eb15124941a64faa70e6deb24a. [52]
- IRENA/BAfD (2022), *Renewable Energy Market Analysis: Africa and Its Regions*, <https://www.irena.org/Publications/2022/Jan/Renewable-Energy-Market-Analysis-Africa>. [29]
- Madrastna (2022), *Feuille de Route 2022-2026: 12 Engagements Concrets pour une Ecole Publique de Qualité*, <https://www.men.gov.ma/Fr/Documents/FRoute20222026fr.pdf>. [42]
- Madrastna (2022), "La Feuille de Route", <https://www.madrastna.ma/fr-FR/pages/feuille-de-route>. [43]
- ManpowerGroup (2022), "South Africa's 2022 talent shortage", https://go.manpowergroup.com/hubfs/Talent%20Shortage%202022/MPG_2022_TS_Infographic-South_Africa.pdf. [4]
- Marie, P. (2022), "Bénin: 30 lycées techniques agricoles fonctionnels en 2025", *Réseau FAR*, <https://www.reseau-far.com/benin-30-lycees-techniques-agricoles-fonctionnels-en-2025/>. [50]
- OCDE (2024), *Breaking the Vicious Circles of Informal Employment and Low-Paying Work*, Publicações OCDE, Paris, <https://doi.org/10.1787/f95c5a74-en>. [17]
- OCDE (2022), *Institutions sociales et égalité femmes-hommes en Côte d'Ivoire: Rapport pays SIGI*, Publicações OCDE, Paris, <https://doi.org/10.1787/c798990a-fr>. [13]

- OCDE (2017), *Youth Aspirations and the Reality of Jobs in Developing Countries: Mind the Gap*, Development Centre Studies, OECD Publishing, Paris, <https://doi.org/10.1787/9789264285668-en>. [10]
- OCDE.Stat (2024), *Creditor Reporting System (CRS) (database)*, <https://stats.oecd.org/Index.aspx?DataSetCode=crs1> (accessed on 14 May 2024). [36]
- OCDE/CUA/ATAF (2023), *Revenue Statistics in Africa 2023*, Publicações OCDE, Paris, <https://doi.org/10.1787/15bc5bc6-en-fr>. [34]
- OCDE/CUA/UE/AUDA-NEPAD (2023), *Joint Workshop: Developing Strategic Value Chains for Africa's Productive Transformation*, realizada em 31 de outubro de 2023 na OCDE durante o 22.º Fórum Económico Internacional sobre África do Centro de Desenvolvimento da CUA-OCDE. [51]
- OCDE/UNECA/BAfD (2022), *Africa's Urbanisation Dynamics 2022: The Economic Power of Africa's Cities*, West African Studies, OECD Publishing, Paris, <https://doi.org/10.1787/3834ed5b-en>. [16]
- OCDE et al. (2021), *Production Transformation Policy Review of Egypt: Embracing Change, Achieving Prosperity*, OECD Development Pathways, OECD Publishing, Paris/Organização das Nações Unidas para o Publicações OCDE / Paris Desenvolvimento Industrial, Viena/Comissão Económica das Nações Unidas para África, Adis Abeba/Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento, Genebra, <https://doi.org/10.1787/302fec4b-en>. [27]
- OIT (2022), "How to strengthen informal apprenticeship systems for a better future of work? Lessons learned from comparative analysis of country cases", OIT Working Paper 49, https://www.bollettinoadapt.it/wp-content/uploads/2022/02/wcms_837761.pdf. [45]
- OIT/Banco Mundial/UNESCO (2023), *Building Better Formal TVET Systems: Principles and Practice in Low- and Middle-Income Countries*, <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000386135>. [47]
- Okumu, I. and J. Mawejje (2020), "Labour productivity in African manufacturing: Does the level of skills development matter?", *Development Policy Review*, Vol. 38/4, pp. 441-464, <https://doi.org/10.1111/dpr.12431>. [7]
- ONU Mulher (2022), "Equality will be achieved when women and men are granted equal pay and equal respect: An explainer", *UN Women Africa*, <https://africa.unwomen.org/en/stories/explainer/2022/09/equality-will-be-achieved-when-women-and-men-are-granted-equal-pay-and-equal-respect>. [15]
- Peet, E., G. Fink and W. Fawzi (2015), "Returns to education in developing countries: Evidence from the living standards and measurement study surveys", *Economics of Education Review*, Vol. 49, pp. 69-90, <https://doi.org/10.1016/j.econedurev.2015.08.002>. [5]
- Répubblica das Maurícias (2018), *Mauritius Artificial Intelligence Strategy*, <https://ncb.govmu.org/ncb/strategicplans/MauritiusAIStrategy2018.pdf>. [38]
- SADC (2018), *Engineering Numbers and Needs in the SADC Region*, Southern African Development Community, Gaborone, https://tis.sadc.int/files/9616/3117/4900/Engineering_Numbers_and_Needs_in_SADC.pdf. [22]
- UNCTAD (2023), *The Potential of Africa to Capture Technology-Intensive Global Supply Chains*, United Nations Publications, https://unctad.org/system/files/official-document/aldcafrica2023_en.pdf. [19]
- UNESCO (2022), *Global Review of Training Funds: Spotlight on Levy-Schemes in 75 Countries*, <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000384184>. [49]
- UNESCO (2022), "New estimation confirms out-of-school population is growing in sub-Saharan Africa", UNESCO Digital Library, programme and meeting document, <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000382577>. [14]
- UNESCO (2015), *Education 2030 Incheon Declaration: Towards Inclusive and Equitable Quality Education and Lifelong Learning for All*, https://uis.unesco.org/sites/default/files/documents/education-2030-incheon-framework-for-action-implementation-of-sdg4-2016-en_2.pdf. [33]
- UNESCO Institute for Statistics (2023), *UIS Stat*, <http://data.uis.unesco.org/> (accessed on 17 December 2023). [23]
- UNESCO/ICEE (2021), *Engineering for Sustainable Development: Delivering on the Sustainable Development Goals*, <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000375644>. [21]
- UNESCO/PASEC/LLECE/IEA (2022), "Establishing a concordance between regional (ERCE and PASEC) and international (TIMSS/PIRLS) assessments", *Rosetta Stone Policy Brief*, https://www.researchgate.net/publication/361903612_Rosetta-Stone_Policy-Brief_2022. [11]
- UNICEF (2022), *UNICEF Global Database on Information and Communications Technology (ICT) Skills*, <https://data.unicef.org/resources/dataset/learning-and-skills/> (accessed on 8 November 2023). [26]
- Williams, P. et al. (2021), "Feasibility assessment of climate change adaptation options across Africa: An evidence-based review", *Environmental Research Letters*, Vol. 16/7, p. 073004, <https://doi.org/10.1088/1748-9326/ac092d>. [31]

World Bank (2024), *World Bank Enterprise Surveys (WBES)*, <https://www.enterprisesurveys.org/en/enterprisesurveys> (accessed on 15 May 2024). [54]

World Bank (2023), *Global Bilateral Migration*, <https://databank.worldbank.org/source/global-bilateral-migration> (accessed on 9 November 2023). [55]

Dinâmicas do desenvolvimento em África 2024

COMPETÊNCIAS, EMPREGO E PRODUTIVIDADE

O relatório *Dinâmicas do desenvolvimento em África* apresenta as lições aprendidas relativamente à África Central, Oriental, do Norte, Austral e Ocidental para desenvolver recomendações de políticas e partilhar boas práticas em todo o continente. Com base nas estatísticas mais recentes, a análise das dinâmicas de desenvolvimento tem por objetivo apoiar os líderes africanos a atingir os objetivos da Agenda 2063 da União Africana em todos os níveis: continental, regional, nacional e local.

Esta edição do relatório aborda a forma como os governos, as empresas e as instituições de ensino africanas podem aumentar a oferta de competências de qualidade, de acordo com a procura atual e futura, para criar empregos e aumentar a produtividade. As tendências globais, como as transições digital e ecológica, o crescimento demográfico de África e a regionalização do comércio internacional estão a moldar a futura procura de competências. Os dois capítulos do relatório sobre o continente analisam as lacunas em termos de competências básicas, transversais e técnicas e identificam soluções de políticas para desenvolver uma mão de obra qualificada. Os cinco capítulos regionais apresentam recomendações para o desenvolvimento de competências em áreas estratégicas, incluindo a mineração, as tecnologias digitais, as energias renováveis e o sector agroalimentar.

O relatório *Dinâmicas do desenvolvimento em África* contribui para um debate político entre governos, cidadãos, empresários e investigadores da União Africana. Propõe uma nova plataforma de colaboração entre países e regiões, centrada na aprendizagem mútua e na preservação de bens comuns. Este relatório resulta da parceria entre a Comissão da União Africana e o Centro de Desenvolvimento da OCDE.

Consulte esta publicação on-line em <https://au.int/en/documents/20240625/africas-development-dynamics-2024> e <https://doi.org/10.1787/e323275f-pt>

Esta obra encontra-se publicada no site da União Africana e na OECD iLibrary.
Visite www.au.int e www.oecd-ilibrary.org para mais informações.



Cofinanciado pela
União Europeia

